
CONHECENDO MARCOS

A PARTIR DA PALESTINA

SUBJUGADA*

JOSÉ ALVES SANTOS**

Resumo: pretende-se com esse artigo delinear alguns aspectos da situação política, econômica e social da Palestina do século I. Verifica-se que povo palestino foi submetido e dominado política e culturalmente por vários Impérios ao longo da história. Dentre eles, destaca-se o Império Romano, porque foi nesse contexto que Jesus nasceu e viveu. Foca-se a questão da exploração econômica através de impostos exorbitantes tributados ao povo judeu. Faz-se referências aos problemas sociais oriundos da política romana contra os judeus. Tais como: a fome, a escravidão, a mendicância, em fim a exclusão social.

Palavras-chave: Palestina. Jesus. Escravidão. Exclusão.

A Palestina,¹ encontrava-se numa situação de opressão, durante vários anos, desde 587 a.C., vivia-se na dependência de grandes Impérios circunvizinhos: Babilônia, Pérsia, Macedônia, dentre outros, estendendo-se ao Império Romano,² a partir de 63 a.C. Com o domínio romano, instauraram-se novos valores culturais pagãos, que afetavam a índole religiosa dos judeus. A dependência política implicava na dependência cultural. Herodes, portador da educação romana, exerce influências sobre o povo palestino, realiza obras faraônicas tais como: “palácios, piscinas, teatros e fortalezas”. Nota-se que a presença da cultura romana pagã tornava-se uma ameaça, como também gerava a opressão mais odiosa e aviltante dada a índole religiosa do povo judeu (BOFF, 2007, p. 22-25). Segundo Chistiane e Bernard (2012, p. 7-13) a história da Palestina estava estreitamente ligada a Roma, a partir do século I a.C. a presença política do Império romano, constitui um fator determinante do mundo vital da Palestina. Inicia-se em 63 a.C., com a ocupação de Jerusalém por Pompeu, os romanos exerceram seu governo de forma direta através de

* Recebido em: 05.02.2014. Aprovado em: 10.03.2014.

** Doutorando em Ciências da Religião na PUC Goiás.

‘procuradores’³, e de forma indireta através de reis ‘vassalos’, Herodes e seus sucessores. A ingerência do poder imperial sobre a palestina acarreta sérios problemas políticos, econômicos e sociais, tais como: aumento da população demográfica da região, gerando um marco cultural distinto, no campo religioso, provoca-se sérios atritos e conflitos que se desencadeiam em repressões, perseguições, exclusões (MIGUÉZ, 1995, p. 4).

De acordo com Horsley e Hanson (1995, p.43-5), a conquista de Pompeu seguiu quase uma geração de conflitos. Os romanos trataram os habitantes da Galiléia brutalmente a fim de induzir o povo à submissão. Os exércitos romanos incendiaram e destruíram completamente cidades, massacraram, crucificaram e escravizaram suas populações. Cássio conquistou a Tariquéia, na Galiléia, escravizou cerca de 30 mil homens.

A dominação romana na Palestina não só explorava na cobrança de impostos diretos e indiretos, como também, desenvolveu-se um processo de romanização e helenização da cultura. Todo período do governo romano direto de 6 a 66 d.C., foi marcado por um descontentamento generalizado, e periódica turbulência na sociedade judaica palestinese (FRASÃO, 2013, p. 4). O controle era exercido pela força, através de uma legião de 30 mil homens do exército com suas tropas. O objetivo era exercer o domínio absoluto de um território imenso que se estendia desde a Espanha, e as Gálias até a Mesopotâmia. Das fronteiras do Reno, do Danúbio e do Mar Morto, até o Egito e o norte da África. Todos esses povos e culturas foram dominados pelo Império no âmbito político, econômico e social (PAGOLA, 2012, p. 30-1).

Marques (2012, p. 3), afirma que a dominação sobre a Palestina tornou-se insustentável. A repressão das autoridades contra as revoltas populares eram violentas. Nesse período, surgiram vários acontecimentos impostos pela política imperial. Em Roma, a comunidade cristã sofreu a perseguição de Nero (66 d.C.). Em diversos pontos do Império, surgiram protestos dos judeus, sendo o principal na Palestina, conhecido como a Guerra Judaica, entre os anos 66 – 73 d.C. O medo era constante, guerras, maus tratos, fome, afligiam as pessoas no dia a dia.

O EVANGELHO DE MARCOS

Foi escrito nos anos 70 d.C. Nessa época, o povo vivia numa situação difícil. Era perseguido pelo Império Romano. Dentro das comunidades havia muitas dúvidas e tensões. Para muitas pessoas, João Batista era considerado o Messias (At 19,1-3). Marcos (Mc 1,7) utiliza as palavras do próprio João Batista: “depois de mim vem o mais forte do que eu, de que nem sou digno de desatar suas sandálias”. Em João, batiza-se com água, em Jesus, batiza-se no Espírito Santo. Marcos aponta João em direção ao caminho de Jesus. João Batista é o precursor da chegada do Reino Iminente; ele não é o Messias, apenas prevê e anuncia sua chegada (MESTERS; LOPES, 2003 p.18-9).

De acordo com Myers (1992, p. 66-69), Marcos escreve seu Evangelho no ano 70 d.C., período em que Roma destrói a Palestina. Reflete-se o desespero, a doença, a fome, a pobreza e exploração que caracterizavam o quadro existencial da sociedade da Palestina do século I (MYERS, 1992, p. 69).

Sob o Império Romano, as condições de vida na Galiléia, onde Jesus vivia e cumpria sua Missão, eram as piores possíveis. Nas décadas anteriores ao nascimento de Jesus, os Exércitos romanos invadiram a região queimando aldeias e eliminando os incapazes. O Im-

perador instalou, na administração da Galiléia, o filho de Herodes Antipas, que fora educado na corte imperial. Através de impostos extorquidos deles mesmo, os galileus eram explorados e condenados ao empobrecimento. Reconhece-se, portanto, que para compreender Jesus nesse contexto histórico, urge a necessidade de se ter uma idéia mais clara, de como as práticas imperiais romanas afetavam os habitantes da Galiléia. Estima-se que até a época de Jesus, os galileus, samaritanos e judeus viveram sob o domínio de um Império um ano após outro, durante 600 anos (HORSLEY, 2012, p. 22).

As práticas imperiais romanas afetavam os habitantes da Galileia. Os métodos utilizados pela dominação romana sobre os súditos implicava o uso da força (SCHIAVO; SILVA, 2012, p.24).

Os gregos concebiam os seus deuses dentro de uma hierarquia comandada por Zeus, que proporcionava uma harmonia entre os homens e a natureza. À luz dessa ideologia, o Império Romano introduziu o ideal de paz. Mesters e Lopes (2003, p. 256), dizem que, para enganar o povo forjou-se a ideia da chamada Paz Romana, paz que favorecia aos interesses próprios do poder dominante. Essa paz favorecia ao Império e a Herodes, mas para o povo dominado da Palestina não era paz e sim repressão brutal. Vale ressaltar, que Jesus nasceu no final do Governo de Herodes (chamado o grande), que mandou matar as crianças em Belém (Mt 12,16).

Marcos, nos anos 70, na sua convivência junto ao povo da Galiléia, durante 30 anos, observou a opressão e exclusão de tantos irmãos, em nome da Lei de Deus. Foi assim seu testemunho em todo o tempo que viveu no meio de nós, foi o que ele pregou, desde o começo até o fim (MESTERS; LOPES, 2012, p. 50-1). A paz não é uma ideologia unilateral, marcada por interesses ilegítimos de qualquer grupo dominante. A paz é, sobretudo, fruto de um conjunto de forças que unem objetivos comuns.

Os resultados dessa proposta de paz voltada para os interesses do poder romano contribuíram para o agravamento da dominação política do povo judeu na Palestina. Os romanos enriqueciam-se à custa da política administrativa direta e indireta das colônias, como também do poder do sumo sacerdote e da aristocracia clerical, inclusive o partido dos saduceus⁴ que viviam no Templo⁵ em Jerusalém, e exerciam o domínio a partir da religião, executando as ordens romanas. Aquele “lugar que deveria ser local de encontro, da alegria, e da explicitação da fé, converte-se em gerador de medo e repressão psicológica” (FERREIRA, 2012, p. 102). Pode-se dizer que os saduceus tornaram-se uma pedra de tropeço para a realização da missão de Jesus, que é a instauração do Reino. Os alinhamentos políticos mutáveis, dos grupos de renovação judaica, principalmente dos fariseus⁶ e essênios⁷, as várias frentes de resistência popular, e de dissidências sobre as massas, contribuíram para a revolta de 66 d.C. (MYERS, 1992, p. 83).

As ameaças eram constantes. Em 70 d.C., os romanos cercaram Jerusalém, violaram as muralhas da cidade e “desencadearam uma orgia de violência” contra seus residentes. Massacraram todos em seu caminho, acumulando cadáveres sobre o Monte do Templo. Um rio de sangue corria pelos paralelepípedos. Os soldados atearam fogo ao Templo de Deus, os incêndios ultrapassaram o Monte do Templo, envolveram os prados de Jerusalém afetando as terras cultivadas, as oliveiras. A devastação foi tão completa que Josefo (*apud* ASLAN, 2013, p. 22) afirma que nada restou que pudesse identificar que Jerusalém tivesse sido habitada.

No período de 67 e 70 d.C. os judeus da Palestina tinham se rebelado contra a invasão romana. Jerusalém, a capital, estava cercada pelos exércitos romanos, ameaçada de

destruição total. O Templo seria profanado (Mc 13,14); muitos cristãos, em sua maioria eram judeus, não sabiam se deveria rebelar-se contra o Império Romano. Conseqüentemente, esse problema causava muitos conflitos às comunidades: “o horizonte não estava claro, desencadeavam-se divisões, e até guerras entre os próprios judeus” (MESTERS; LOPES, 2003, p. 56).

Mosconi (2006, p. 11), relata que entre 67-79 d.C. o Governador romano da Palestina mandou crucificar dezenas de judeus em Jerusalém. Esses se revoltaram e liderados pelo movimento guerrilheiro dos zelotes⁸ conseguiram expulsar o exército romano da cidade. A reação não demorou e a trégua durou por pouco tempo. Koester (2012, p. 319) afirma que o General Tito Flávio Vespasiano (70 -79 d.C.) reage através das forças militares enviando legiões e tropas auxiliares, cercando Jerusalém com seus habitantes e peregrinos. Schiavo e Silva (2011, p.121), sustenta que Vespasiano envia um exército de 60.000 homens, reconquista a Galiléia, e o Governo provisório é preso. Foi uma guerra aberta com duração de 4 anos, e a cidade acabou nas mãos dos romanos a destruição foi total.

Em agosto dos anos 70 d.C., o General Tito, filho do imperador Vespasiano, entrou vencedor em Jerusalém saqueou tudo o que podia, arrasou a cidade e matou milhares de pessoas. Os sobreviventes foram vendidos como escravos. Dos vencidos, “escolheu-se 700 jovens combatentes entre os mais fortes. Foram trazidos para Roma para participar no desfile em honra de Tito, o general vitorioso”. Após o desfile, esses 70 jovens combatentes foram mortos ou vendidos como escravos (MOSCONI, 1989, p. 22).

SITUAÇÃO SOCIAL E ECONÔMICA

A atividade econômica da Palestina, no tempo de Jesus, depende da agricultura, pecuária, pesca, artesanato e do comércio (MORAES, 2010, p. 01). Crossan (2008, p. 16) diz que:

O termo camponês, aliás, não é apenas um sinônimo romântico e antiquado para a palavra fazendeiro ele denota uma relação de exploração na qual a imensa maioria que produz os alimentos, dos quais dependem tudo e todos, é privada do excedente da produção, de forma que uma pequena minoria dispunha de um enorme excedente, enquanto que quem produzia permanecia no nível de subsistência.

As condições de trabalho dos camponeses, nas aldeias, eram brutais e rudimentares. Consumiam suas forças arando, vindimando ou ceifando as messes com as foices. Quando o serviço não era braçal, utilizavam-se da ajuda de alguns animais tais como: bois, burros e camelos. Destacam-se a região do lago onde Jesus mais anunciou a mensagem do Reino. A pesca era muito importante para a sobrevivência de muitas famílias. Nota-se que o povo de Cafarnaum, Mágdala ou Betsaida, viviam do lago e da pesca. Essa atividade era exercida de forma bem rudimentar, os mais pobres não tinham barcos, portanto, pescava-se nas margens. Os fiscais de Herodes Antipas⁹ impunham taxas para se ter direito à pesca e utilização dos embarcadouros (PAGOLA, 2012, p. 40-1).

A agricultura constituía-se a base fundamental dos moradores da Galiléia, na região norte da Palestina. Do ponto de vista socioeconômico, a população da Palestina estava dividida em três camadas: a classe rica e poderosa, a classe média e os pobres. A primeira classe era constituída pelos Príncipes e membros da família Real, estendendo-se à aristocracia sacerdotal, aos latifundiários, aos grandes comerciantes e cobradores de impostos. A segunda é a classe média,

muito reduzida, e quem pertencia a essa classe encontrava-se mais em Jerusalém. Sua fonte de renda estava ligada ao Templo e aos peregrinos, aos artesões proprietários, pequenos comerciantes, aos donos de hospedaria e ao baixo clero¹⁰ A terceira classe compreendia a imensa maioria, tais como: assalariados, camponeses, pescadores, inúmeros mendigos e finalmente os escravos que a sua maior parte, encontravam-se concentrados em Jerusalém, viviam em torno do templo, a pedir esmolas para sobreviver (MATEUS; CAMACHO, 1992, p. 17).

Crossan (1985, p. 41), apresenta as classes das quais se compõem as sociedades agrárias, nessa disposição: governante e dirigentes, sacerdotes, arrendatários, mercadores, camponeses, artesãos, os degradados e dispensáveis. Cerca de 1% dos governantes detinham a metade das terras; os sacerdotes se colocavam ao lado destes, podendo possuir até 15% da terra; os arrendatários iam de gerais a burocratas especializados; os mercadores poderiam chegar alguma riqueza e até algum poder político; os camponeses constituíam a grande maioria da população e eram os principais responsáveis pelo sustento e manutenção das classes altas; os artesãos vêm em seguida, formando 5% da população. Abaixo deles somente as classes dos degradados (rejeitados por sua origem, ocupação ou condição), e dispensáveis (mendigos, foras da lei, ladrões, trabalhadores diaristas e escravos).

Havia uma grande distância entre a classe rica e os humildes. A corte romana obrigava a população a pagar impostos, que tinham muitas finalidades, dentre as quais se destacam a manutenção do império, seus exércitos, o financiamento de obras públicas como estradas, pontes e edificações. O povo era obrigado a pagar aos romanos o imposto sobre 25% das colheitas, bem como pedágio para a circulação de pessoas, bens e taxas de alfândega (SCHIAVO; SILVA, 2011, p. 29).

Além do sistema de cobrança dos romanos, era exigido o pagamento dos impostos do Templo, e estipulados em um denário¹¹ equivalente à diária¹² de um trabalhador; os vários dízimos¹³ incluindo as colheitas e o auxílio destinados aos pobres relativos aos produtos referentes a um ano de trabalho. Esse sistema tributário incidia sobre quase todas as coisas, membros da família, terra, gado, plantas frutíferas, água, carne, sal, e sobre todos os caminhos. A ambição dos governantes do Império levou o povo ao empobrecimento e diversos tipos de escravidões (CHRISTIANE; BERNARD, 2012, p. 15). Vale ressaltar que se criou um abismo entre famintos e pobres endividados e as classes dominantes governando em Jerusalém (ASLAN, 2013, p. 39).

Aslan (2013, p. 43), relata que as pequenas chácaras familiares, que durante séculos tinham servido como a principal base da economia rural, foram gradualmente engolidas pelas grandes propriedades, administradas por aristocratas. A rápida urbanização sob o domínio romano alimentou a migração interna em massa, do campo para as cidades. A nova situação urbana gerou o inchaço da população, produzindo um contexto de miséria e fome, para os camponeses. Constata-se que o campesinato não só era obrigado a continuar pagando seus impostos e dízimos para o sacerdote do Templo, como também eram forçados a pagarem um alto tributo a Roma. Afirma-se que o total dos encargos chegaria à metade dos rendimentos anuais.

Para atender as exigências tributárias do governo herodiano e dos impostos religiosos os camponeses galileus afundavam-se em empréstimos oferecidos principalmente por funcionários da administração herodiana e aristocratas sacerdotais, dando a própria terra como garantia de pagamento. Paradoxalmente, os aristocratas viviam luxuosamente, enriqueciam-se acumulando posses, enquanto a situação dos camponeses era desesperadora. Ressalta-se que os menos afortunados eram vendidos como escravos ou tornavam-se marginais (LIMA, 2013, p. 7).

O abuso nas cobranças das taxas era uma prática frequente. Isso gerava uma sobrecarga insuportável, desencadeando o ódio no povo explorado (MATEUS; CAMACHO, 1992, p. 13).

Exigia-se o *solli*¹⁴ como pagamento de tributos em Roma. Tal tributo correspondia às terras cultivadas. Além deste, cobrava-se o *tributum capitis*¹⁵ que cada um dos membros adultos da casa devia pagar. Era difícil livrar-se dos arrecadadores (PAGOLA, 2012, p. 44-46). Para os camponeses judeus, a dominação herodiana e romana geralmente significava pesada tributação e mais do que isso, uma séria ameaça para sua existência, visto que muitos foram expulsos das suas terras (HORSLEY; HANSON, 1995, p. 43). Essa prática levava algumas famílias a perderem a metade do que produziam através dos impostos abusivos. Agravava-se a situação, quando pelas dívidas, as famílias de agricultores perdiam suas terras. Entrava-se num processo de desagregação e degradação, restando-lhes a opção de serem diaristas; iniciava-se uma vida penosa à procura de trabalho, em propriedades alheias. Havia aqueles que se vendiam como escravos; outros entravam na mendicância e algumas mulheres ingressavam na prostituição; como já citado anteriormente, não faltava também quem se unisse a grupos de bandidos ou salteadores em alguma região inóspita do País (PAGOLA, 2012, p. 48).

Os escravos eram utilizados como mão de obra barata na agricultura sobre tudo nas grandes plantações levavam uma vida bem pior que os escravos domésticos. Num manual de agricultura do séc. I está impresso:

Vende os Bois que já estiverem cansados, os gados e as ovelhas cujo couro ou lã estão danificados, uma carroça velha, as ferramentas gastas, os escravos velhos e doentes, e tudo mais que seja supérfluo. O bom Senhor deve sempre ter o hábito de vender, e não de comprar (CROSSAN, 1994, p. 82).

O objetivo dessa política agrária era gerar a pobreza e a dependência principalmente para os pequenos arrendatários. É notório que Roma apropriava-se da fragilidade dos camponeses tirando deles não apenas os excedentes, mas também a dignidade (LIMA, 2013, p. 4). Vale lembrar que para Israel a terra é dom de Deus. Esse é um dogma de fé do povo de Israel. Deus lhe deu o País de Canaã, a Palestina ou País dos Filisteus, desde a época helenística (CRISTIANE; BERNARD, 2012, p. 25). Imagina-se a situação de um povo que perde seu dom mais precioso (a terra), não só perde seu campo de trabalho para sobrevivência, como também a dignidade. Do ponto de vista religioso sentem-se amaldiçoados por Deus.

A Palestina, administrada pelo Império Romano, concentrava as terras nas mãos de uma minoria de proprietários, seja pela política de compensação a generais e altos funcionários romanos, seja pela política tributária. A cobrança de altos tributos, impostos de diversas taxas, sobre a circulação de mercadorias e pessoas gerou uma grande massa de endividados (HORSLEY; RICHARD, 2010, p. 10).

Muitos camponeses que eram livres ao perderem suas terras passam a trabalhar como mão de obra escrava ou assalariada, como resultado tem-se um aumento da pobreza no campo e em contra partida uma concentração da riqueza na esfera urbana (MIGUEZ, 1995, p. 28). Nota-se que toda essa situação de exploração e opressão produz um estado de exclusão das grandes massas camponesas e gera uma série de descontentamentos e transtornos, na região da Palestina (HORSLEY; HANSON, 1995, p. 47).

O agravamento da situação de opressão se dá, sobretudo a partir de 66 d.C., quando “o procurador romano Floro roubou parte do dinheiro do templo”. Alguns judeus então saíram às ruas de Jerusalém pedindo esmolas aos romanos. O procurador não gostou da

atitude dos judeus e mandou soldados a Jerusalém para saquearem a cidade e ofenderem o povo com gestos ostensivos. Esse fato acirrou as tensões entre as classes dominantes e as expectativas populares (MOSCONI, 2001, p. 20). Na Palestina e, principalmente na Galiléia, essa realidade conflitiva afetava a vida do povo, sobretudo dos mais pobres. Instala-se uma situação de desconforto generalizado gerando revoltas de todos os lados.

É neste contexto que Marcos escreveu o seu Evangelho.

KNOWING MARCOS FROM PALESTINE SUBDUED

Abstract: the intention of this article to outline some aspects of political, economic and social situation of Palestine Century I. It appears that the Palestinian people were subjected and dominated politically and culturally by various empires throughout history. Among them stands out the Roman Empire, because it was in this context that Jesus was born and lived. Focuses on the issue of economic exploitation through taxed the Jewish people exorbitant taxes. Reference is made to the social problems arising from the Roman policy against the Jews. Such as hunger, slavery, beggary, end social exclusion.

Keywords: Palestine. Jesus. Slavery. Exclusion.

Notas

- 1 A Palestina é uma estreita área situada entre a África e a Ásia funcionando como uma espécie de ponte entre estas regiões. Possuía um território um pouco menor que no Estado atual do Espírito Santo, uma superfície de 34.000 Km², e cerca de 650 mil habitantes. Dividia-se em áreas menores: Judéia, Samaria e Galiléia - a Oeste. Itúria - ao Norte. Gaulanidade, Batanéia, Traconítide, Auranitide, Decápode e Peréia - a Leste. E Idumeia - ao Sul. O cenário da maior parte da vida e ações de Jesus situa-se mais na região Oeste, principalmente na Galiléia (FRASÃO, 2013, P.2).
- 2 O Império Romano dominou países, reinos e culturas diferentes (SCHIAVO; VALMOR, p.24)
- 3 Vale ressaltar que os procuradores eram subordinados ao Imperador, como representantes diretos do Imperador, detinham poderes civis, militares e jurídicos (FRASÃO, 2013, p. 01).
- 4 Saduceus nome oriundo do sumo Sacerdote do Templo do Rei Salomão, Sadoc, de quem as grandes famílias sacerdotais pretendiam descender. Constituíam-se de duas facções compostas pelas duas aristocracias, civil e sacerdotal. Representavam portanto o poder econômico e, por sua posição no grande Conselho e no Templo detinham também o poder político e religioso da nação. No campo religioso eram conservadores, igualmente no campo político, contudo eram abertos à cultura grega helenística. Adaptavam-se ao domínio romano, chegaram a uma composição, uma espécie de acordo não escrito. Aceitavam a injustiça da dominação estrangeira contanto que não comprometesse sua posição o seu poder. Pretendendo ser fieis ao conteúdo original do Antigo Testamento, rejeitavam a doutrina farisaica da ressurreição dos mortos e os prêmios da vida futura, negavam também a existência de anjos e espíritos (MATEOS; CAMACHO, 1992, p. 33-34).
- 5 No mundo bíblico o Templo ocupa o centro da vida religiosa e nacional, goza de uma forte carga simbólica. Como centro da vida religiosa o t. exercia uma forte influência - para ele as multidões afluíam para as grandes festas de peregrinação. O t. sempre manteve uma função de ensinamento. O templo dirigido pelos sacerdotes representa um poder religioso, político, econômico e financeiro. A complacência da aristocracia sacerdotal frente ao poder romano criou tensões complementares (LACOSTE, 2004, p.1698).
- 6 O termo Fariseu do grego 'perushim' = separados ou separatistas. Entre si eles se chamavam de 'companheiros'. De fato separava-se da massa popular, ignorante, vulgar, pecadora. Eram compostos na sua maioria de leigos e distinguiam-se pelo conhecimento das tradições de Moisés e dos antigos, eram cumpridores minuciosos dos preceitos. Sua interpretação escrupulosa das leis os levava a uma observância rigorosa dos sábados, a um extremo cuidado coma pureza legal, com o pagamento integral dos dízimos referentes aos mínimos produtos. Para eles a Salvação estava vinculada ao cumprimento da Lei, por isso impunham ao povo uma pureza legal a rigor no cumprimento de todos os preceitos (MORIN, 1988, p.109-111).

- 7 Os essênios formavam uma seita que romperia com o sistema político e religioso. Viviam retirados às margens do mar morto numa espécie de convento o de Qumrá. Tinham uma vida comunitária partilhada sem títulos de propriedade, tudo era comum entre eles. Passavam por um processo de iniciação por dois anos, a seguir eram integrados na seita com o dever de cumprir as regras organizadas por eles. Havia um líder que fazia manter o cumprimento da ordem. Mantinham cerimônias particulares, como abluções e banhos rituais, a refeição como sinal de fraternidade. Eram escrupulosos em relação as regras de pureza, e severíssimos em relação a observância, tinham por princípio o amor aos membros da comunidade e ódio aos de fora (MATEOS; CAMACHO, 1992, p.39).
- 8 Os Zelotas são ‘zelosos’ pessoas decididas e engajadas, embora com certo fanatismo. São chamados também ‘sicários’ ou homens do punhal: ‘sica’ era um pequeno um curto punhal romano. Defendia a luta armada contra a opressão romana, no período da guerra judaica (66 a 70 d.C.) o fanatismo zelota atingiu o paroxismo - depois da queda de Jerusalém eles resistiram e só cederam no ano de 73 em Massada. Mas Bar Koseba retomou a resistência nos anos 132-135. No programa dos Zelotas contemplava-se uma reforma social, mas lutavam pelo Templo e, portanto, pela conservação das instituições judaicas. Eram os resistentes que queriam a expulsão dos romanos, e os reformistas pretendiam simplesmente, corrigir os abusos do sistema sem questionar o modo de produção vigente desde o século X depois de Cristo (MORIN, 1988, pp.112-113).
- 9 Durante a vida de Jesus o domínio romano na Galiléia foi exercido através do tetrarca Herodes Antipas (4 a.C. a 39 d.C.), que tratava de cuidar na região dos interesses próprios e do império [...] constrói a cidade de Séforis como capital da Galiléia com o objetivo estratégico de tornar-se centro administrativo de arrecadação tributária e praça de comando militar (LIMA, 2013, p. 06).
- 10 O termo ‘baixo clero’ como categoria nativa utilizada nos embates na esfera acadêmica e posteriormente em outras, como na política e na própria Igreja. No seu senso estrito o termo se refere ao estrato subordinado dos religiosos na hierarquia católica da França do *Ancien Régime* (GRÜN, 2012, p. 01).
- 11 Moeda de prata (3,85 g) do sistema romano, equivalente à dracma grega. Servia como medida de valor do pão (Mc 6,37; Jo 6,7), do perfume (Mc 14,5; Jo 12,5) e das dívidas (Mt 18,28; Lc 7,41). Na época de Jesus, trazia uma inscrição e a efígie de *Tibério (Mt 22,19; Mc 12,15; Lc 20,24) (MANZANARES, 2013, p.87).
- 12 Um diarista, e assalariado que não encontrava emprego, tornava-se verdadeiros proletários, mendigos, vagabundos e ladrões (BOFF, 2007, p. 24).
- 13 Era a contribuição obrigatória, entregue ao santuário para sustentar os sacerdotes e levitas (Nm 18,21-32), os pobres, os órfãos e as viúvas (cf. Dt 14,22-29; Tb 1,7s e notas). A contribuição referia-se à décima parte dos cereais, do vinho e do azeite. Os fariseus pagavam, porém, o dízimo até dos produtos mais insignificantes, como as hortaliças (Mt 23,23).
- 14 Consistia em pagar um quarto da produção a cada dois anos (PAGOLA, 2012, p.44).
- 15 *Tributum capitis*, cada pessoa pagava um denário por ano: os varões a partir dos quatorze e as mulheres desde os doze (PAGOLA, 2012, p.44).

Referências

- ASLAN, Rezza. *Zelota: a vida e a época de Jesus de Nazaré*. Tradução de Marlene Suano. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- BOFF, Leonardo. *Paixão de Cristo paixão do mundo: os fatos, as interpretações e o significado ontem e hoje*. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- CHED, Myers. *O Evangelho de São Marcos*. Tradução de I.F.I Ferreira. São Paulo: Paulinas, 1992.
- CHRISTIANE, Saulinier; BERNARD, Rollander. *Cadernos bíblicos*. 9. ed. Tradução de José Joaquim Sobral. São Paulo: Paulus, 2012. V. 27
- CROSSAN, J. Dominic. *O Jesus histórico: a vida de um camponês judeu contemporâneo*. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

- _____. *O essencial de Jesus*. Tradução de Pedro H. Berwick. São Paulo: Jardim dos livros, 2008.
- _____. *O nascimento do Cristianismo: o que aconteceu nos anos que se seguiram à execução de Jesus*. Tradução de Bárbara Theoto Lambert. São Paulo: Paulinas, 2004.
- _____. *Jesus, uma biografia revolucionária*. Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- FERREIRA, Antônio Joel. *Jesus na origem do cristianismo: os vários grupos que iniciaram o cristianismo*. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2012.
- _____. *Paulo, Jesus e os marginalizados*. Goiânia: Ed. da UCG, 2009.
- FRAZÃO, Lopes Cristina Andréia. *A Palestina no século I dC*. Disponível em: <<http://www.ifcs.ufrj.br/~frazao/palestina.htm>>. Acesso em: 04 mar. 2013.
- HORSLEY Richard A.; HANSSON John S. *Bandidos profetas e messias: movimentos populares nos tempos de Jesus*. São Paulo: Paulus, 1995.
- HORSLEY Richard A. *Jesus e o Império: o Reino de Deus e a nova desordem mundial*. Tradução: Euclides Luiz Calloni. São Paulo: Paulus, 2004, p. 20.
- KOESTER, Helmut. *Introdução ao novo testamento: história, cultura e religião do período helenístico*. Tradução de Euclides Luiz Calloni. v.1. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2012.
- LIMA, Oliveira de Anderson. *Roma e os camponeses da Galiléia: os motivos que proporcionaram o nascimento do movimento de Jesus de Nazaré*. Disponível em:<<http://lattes.cnpq.br/0893915454622475>>. Acesso em: 1 out. 2013.
- MALONEY, Elliott C. *Mensagem urgente de Jesus para hoje: o Reino de Deus no Evangelho de Marcos*. Tradução de Barbosa Theoto Lambert. São Paulo: Paulinas, 2008.
- MARQUES, Maria Antônia. *No caminho de Jesus: uma leitura do Evangelho de Marcos*. *Vida pastoral* n. 286, p. 3, 2012.
- MATEOS, Juan; CAMACHO, Fernando. *Jesus e a sociedade do seu tempo*. São Paulo: Paulus, 1992.
- MESTERS, Carlos; LOPES, Mercedes. *Caminhando com Jesus: círculos bíblicos do Evangelho de Marcos*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2003.
- MIGUEZ, O. Nestor. Contexto Sócio Cultural de Palestina. *Ribla* n. 22, p. 21-31, 1995.
- MOSCONI, Luis. *O Evangelho segundo Marcos*. 10. ed. CEBI, 2006.
- PAGOLA, José Antônio. *Jesus: Aproximação histórica*. Tradução de Gentil Avelino Tito. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.
- SCHIAVO, Luiz; SILVA, Valmor. *Jesus milagreiro e exorcista*. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2011.
- SERIQUE, Israel. *Pax romana e a eirene do Cristo*. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/156997124/Pax-Romana-e-a-Paz-de-Cristo>> Acesso em: 15 nov. 2013.
- THEISEN, Gerd; MERZ, Annete. *O Jesus histórico: um manual*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2004.